Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte OESP
Data 12/11/2000 Pg A29
Class. 160/5

AMBIENTE

Coração da Floresta da Tijuca pulsa mais forte

Parceria dá vida nova a trilhas e monumentos da maior reserva em área urbana no mundo

CARLOS FRANCO

RIO – O coração verde da Floresta da Tijuca – a maior em área urbana do mundo, em volta da qual serpenteia a cidade do Rio de Janeiro – está pulsando mais forte neste fim de ano. Suas artérias, ou precisamente trilhas, estão mais limpas, sinalizadas e prontas para serem percorridas. Ganharam até uma ponte pênsil, daquelas de filmes de aventura, de madeira suspensa por cabos de aço, sobre uma cachoeira de onde se descortinam os vales da floresta e os principais picos da cidade.

Além disso, 160 totens, com fotos e textos didáticos e bilíngües sobre fauna, flora e recantos da floresta estarão instalados até dezembro na estrada de asfalto – agora com 8 quilômetros de ciclovia sinalizada –, nas trilhas, mirantes e sítios históricos, como a Cascatinha de Taunay, a Capela Mayrink e a Fonte Wallace. A primeira leva desses totens, patrocinados pelo Banco do Brasil (BB), será entregue ao público no dia 22. Próximas a eles, lixeiras ecologicamente corretas levam a marca da petroleira Repsol/YPF, que financiou o projeto. Mais: um amplo casarão colonial, o Centro de Visitantes, também está em fase final de construção.

As novidades não páram por aí. Os deficientes visuais também ganharão uma trilha, a dom Pedro Augusto, que está recebendo textos em braile e cordas ao lado para servirem de guia. A cada nó da corda uma parada para ouvir cachoeiras, pássaros e sentir o cheiro e os sons da mata.

Toda essa transformação da Floresta da Tijuca, uma das três áreas do Parque Nacional da Tijuca – as outras duas têm como principais referências os morros do Corcovado e a Pedra da Gávea, incluindo seus arredores – tem a ver com uma palavra simples: parcerias. Desde março do ano passado, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama), responsável pela administração dos parques e reservas florestais do País, fechou acordo com a prefeitura do Rio e instituiu uma administração compartilhada. Com cinco representantes do governo federal e cinco do governo municipal, além de um da sociedade civil, essa gestão compartilhada tem conseguido tocar novos projetos e ampliar a segurança e limpeza do local.

Antes dessa parceria ser formalizada, o Parque Nacional da Tijuca contava apenas com 16 agentes florestais do Ibama para percorrer seus 3.200 hectares, onde há 600 espécies vegetais – nativas da mata atlântica e exóticas –, 300 espécies animais de pequeno e médio porte, como tamanduás, quatis, esquilos, macacos e sagüis, 42 vales, 43 córregos e rios, 43 cascatas e cachoeiras, 2 lagos, 19 pequenas represas e 61 grutas e cavernas.

Hoje, esses 16 agentes florestais ganharam o apoio de 32 guardas municipais do Grupamento de Defesa Ambiental e 70 garis da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb). O número de pessoas cuidando da área antes da parceria, de 70 profissionais ligados ao Ibama, saltou hoje para 200, e está aumentando, diz o superintendente do Ibama no Rio, Carlos Henrique Abreu Mendes.

O gerente do parque, indicado pela prefeitura, o diplomata Pedro de Castro da Cunha e Menezes, de 36 anos, e o gerente designado pela União, o professor licenciado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Luiz Otávio Teixeira Mendes Langlois, de 47, como cariocas e antigos freqüentadores da Floresta da Tijuca têm em comum a preocupação de transformar o espaço em área de educação ambiental.

Exemplo – Mônica Bandeira de Mello, de 45 anos, responsável pelo desenvolvimento dos programas de ecoturismo, não só endossa a preocupação como nas suas caminhadas diárias pelo parque vai pegando plásticos e sacos deixados pelo caminho. "Temos de dar o exemplo", afirma, sorridente, ao ver que as trilhas estão limpas e seguras.

Entre vários programas já executados, como as parcerias para as lixeiras seletivas da Repsol/YPF, a recuperação de trilhas e os totens, cerca de R$ 1 milhão "ingressaram" na floresta, sem falar nos custos de pessoal e obras feitas pelo governo municipal de março até hoje.

"O plano estratégico que traçamos está funcionando e até 67 acampamentos de caça foram destruídos, cercas de arame farpado foram colocadas onde havia grande procura para despachos de macumba, um dos riscos a que a floresta está exposta", diz Langlois e acrescenta: "Também obstruímos atalhos de trilha, que contribuíam para a devastação do parque."

Entre os funcionários preocupados com a preservação está o guarda municipal Gilmárcio dos Santos Nascimento, de 34 anos, coordenador do grupo que policia a floresta. Um carioca de Campo Grande que nunca havia pisado no parque até o início deste ano e que hoje anda com desenvoltura e orgulha-se dos cursos que faz para conhecer melhor o meio ambiente.

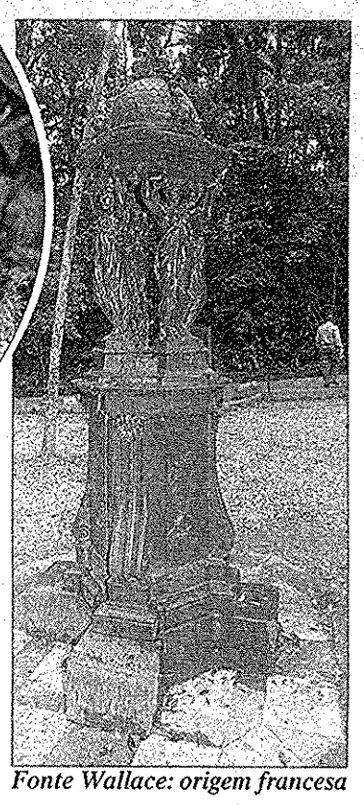
"Aprendo todos os dias e temos de ensinar os turistas a se portarem aqui, para preservar a fauna e a flora", diz, enquanto um quati passeia sorrateiro na entrada do Bom Retiro, onde dois policiais anotam os nomes dos turistas que querem subir os picos pelas trilhas e entregam mapas para que não se percam. "Temos de fazer o controle, mas com a sinalização das trilhas e a não permissão de entrada depois que o sol se vai, o número dos que se perdem é muito pequeno." Ainda bem. Sobra mais tempo para que esses guardas também desfrutem a paisagem: um verdadeiro paraíso verde.

Fotos de Tasso Marcelo/AE

Caminho leva aos picos: 2 milhões passam pelo parque por ano

Quati divide espaço com turistas

ÁREA REÚNE 600 ESPÉCIES DE PLANTAS



Fonte Wallace: origem francesa

Guardas controlam visitação

Ponte pênsil é uma das atrações: trilhas terão placas em braile

PRINCIPAIS ATRAÇÕES DO PARQUE

■ **Corcovado** – Uma das primeiras trilhas abertas por ordem de d. Pedro I no Parque Nacional da Tijuca é hoje asfaltada e dá acesso ao morro de onde o Cristo Redentor, uma estátua de 38 metros, de cimento e mosaico de pedra-sabão, erguida entre 1931 e 1932, contempla de uma altura de 704 metros toda a cidade do Rio de Janeiro.

■ **Vista Chinesa** – É um pavilhão em estilo oriental, construído em homenagem ao povo que trouxe o cultivo do chá para o Brasil no início do século 19.

■ **Mesa do Imperador** – Situada na estrada da Vista Chinesa, era o local preferido de d. Pedro I para almoços campestres. A mesa é uma imensa pedra lascada, de onde se vê a Baía de Guanabara e a floresta.

■ **Mirante d. Marta** – Com uma altitude de 364 metros, tem o mesmo ângulo de visão do Corcovado, mas permite observar detalhes da cidade com mais precisão. O nome se deve a d. Marta Filgueira, mãe do vigário-geral d. Clemente Martins de Mattos, antigo proprietário da Quinta São Clemente, hoje bairro de Botafogo.

■ **Paineiras** – Estrada de 4,6 quilômetros com visão privilegiada da cidade e da floresta, abriga o abandonado Hotel das Paineiras. Fica fechada à noite e nos fins de semana, quando pode ser percorrida apenas por pedestres.

■ **Pedra da Gávea** – Tem 842 metros de altura e é considerada o maior monolito à beira-mar do planeta.

■ **Pico da Tijuca** – Com uma altitude de 1.022 metros, sua trilha, cujos primeiros registros datam de 1853, foi desobstruída em 1920 por ordem do presidente da República Velha Washington Luís para que o rei Alberto da Bélgica pudesse percorrê-la em visita ao País. É o ponto mais alto do Parque Nacional da Tijuca.

■ **Cascatinha de Taunay** – Uma imensa queda-d'água recepciona o visitante na entrada da floresta. O local foi escolhido pelos irmãos Taunay, Nicolau Antônio e Augusto Maria, em 1817, para contemplarem a natureza. Fundadores da Escola Nacional de Belas Artes, eles integravam a missão artística francesa que veio ao País a convite da família real.

■ **Capela Mayrink** – Erguida em 1850 pelo visconde Antônio Alves Souto foi trocando de mãos e de padroeira, de Nossa Senhora de Belém para Nossa Senhora da Conceição, até passar das mãos de José de Mesquita, o conde de Bonfim, para seu descendente barão de Mesquita e deste para o conselheiro Franscisco de Paula Mayrink, que a reformou em 1888. Em 1945, o rico empresário Raimundo Ottoni de Castro Maya, administrador da Floresta da Tijuca, a reinaugurou com grande missa, após a União tê-la incorporado ao patrimônio público. Entre os destaques um tríptico de Cândido Portinari – depois de roubos e apreensões, o original está no Museu Nacional de Belas Artes, e no local está uma réplica. Tem missas abertas ao público todo último domingo do mês.

Pedra da Gávea: monumento à beira-mar

Preservação começou há 150 anos

Para proteger mananciais, imperador desapropriou fazendas de café

RIO – Há 150 anos, no início de 1850, d. Pedro II dava início às desapropriações de antigas – algumas abandonadas – fazendas de café e chá na Floresta da Tijuca. A intenção primeira do monarca, ao lançar mão da Lei de Terras de 1850, era a de proteger os mananciais de água, como os Rios Cachoeira, Maracanã e Carioca, que abasteciam a cidade e estavam assoreados, obstruídos pela erosão resultante dos desmatamentos. O café inicialmente plantado nas encostas da floresta em volta da qual se erguia a hospitaleira cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi descendo os morros em direção ao Vale do Paraíba e daí até São Paulo, onde abriria a estrada para novos barões, os do café.

Doze anos depois dessas primeiras desapropriações e muitas pendengas judiciais, o governo imperial dá início a um audacioso plano de reflorestamento da Floresta da Tijuca. O major da Guarda Nacional Manuel Archer (1821-1905) foi nomeado administrador da Floresta da Tijuca em 1861 para tocar o plano, recebendo pela missão um salário mensal de 1 conto e 80 mil-réis. Com a ajuda de 17 trabalhadores – alguns deles escravos – inicia o plantio de mais de 5.600 mudas de árvores por ano, perfazendo cerca de 62 mil mudas nos 11 anos em que permaneceu na função. Os registros oficiais dão conta que a partir de 1866 o trabalho dos ajudantes de Archer passou a ser remunerado, abolindo-se a mão-de-obra escrava.

São essas árvores, hoje frondosas, que renovaram a floresta, devolvendo-lhe a vida natural. Um trabalho que foi reforçado, em menor escala, pelo tenente-coronel do Exército Gastão Luís d'Escragnolle, que plantou em média 1.670 árvores por ano entre 1874 e 1888, ano em que morreu na residência que construiu na floresta, que abriga hoje o restaurante Os Esquilos, em pleno funcionamento depois de uma reforma que alterou a aparência original. D'Escragnolle, porém, plantou menos que Archer, mas abriu as alamedas dando os primeiros passos para a criação de um parque.

ÁRVORES REPLANTADAS POR ORDEM DE PEDRO II

Mecenas – Com a queda do Império, em 1889, a administração da floresta foi para as mãos de Luís Pedreira de Magalhães Castro, sobrinho do barão do Bom Retiro e colega de armas dos marechais Deodoro e Floriano, com livre trânsito entre as partes. Mas a recém-criada República abandonou o local, dada a perda de importância de seus mananciais de água para o abastecimento da cidade.

A floresta reergueu-se por conta própria até que, em 1943, o industrial Raimundo Ottoni de Castro Maya foi nomeado administrador da Floresta da Tijuca, pelo prefeito Henrique Dodsworth. O local ganharia vida nova. Rico e com grande admiração pelas artes, Maya criou recantos de lazer em todo o parque, comprando chafarizes de mármore de carrara, ainda hoje existentes, e fontes do famoso Vale d'Osne francês.

Também recupera a capela Mayrink, já desapropriada da tradicional família carioca, e convida Cândido Portinari para decorá-la e a reinaugura em 1945, em grande estilo. A beleza da região levou os milionários da época a construírem grandes mansões nas áreas de acesso e entorno do parque. Não ficaram sozinhos. A atração da capital sobre imigrantes pobres levou à ocupação das encostas vizinhas com construções desordenadas, as brasileiríssimas favelas. Mas a Floresta da Tijuca, em seus limites, resiste incólume e a fauna nem se dá conta do que passa ao redor. Não são raros e inofensivos os quatis que passeiam no Largo do Bom Retiro, local de acesso para as trilhas que levam ao frondoso Pico da Tijuca. **(C.F.)**